

Uma análise das questões de gênero e machismo presentes no conto *o direito de não amar*, de Lygia Fagundes Telles, a partir do modelo de sequência didática proposto por Cosson

An analysis of the issues of gender and machismo present in the short story *The Right to not Love*, by Lygia Fagundes Telles, based on the didactic sequence model proposed by Cosson

Un análisis de las cuestiones de género y machismo presentes en el cuento *El derecho a no amar*, de Lygia Fagundes Telles, basado en el modelo didáctico de secuencia propuesto por Cosson

Recebido: 03/05/2021 | Revisado: 11/05/2021 | Aceito: 12/05/2021 | Publicado: 29/05/2021

Anne Alessandra Cruz Ribeiro

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8715-1244>
Secretaria de Educação do Estado da Bahia, Brasil
E-mail: annecruzupgrade@gmail.com

José Batista de Souza

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9722-8818>
Faculdade do Nordeste da Bahia, Brasil
E-mail: batistinhadesouza@gmail.com

Tainah dos Santos Carvalho

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2516-0380>
Faculdade do Nordeste da Bahia, Brasil
E-mail: santostainah70@gmail.com

Resumo

As questões relativas a gênero, nos últimos tempos, têm se destacado nas discussões sociais e no fortalecimento da luta feminina por seus direitos, principalmente aquelas que fazem referência direta à igualdade entre homens e mulheres e à não aceitação de violência. Fruto de uma sociedade marcada pelo machismo advindo de uma cultura patriarcal, a violência tem sido algo muito frequente nas relações afetivas, algo que deve ser combatido constantemente. Nesse ínterim, o objetivo deste trabalho é analisar as questões de gênero e de machismo presentes no conto *O direito de não amar*, de Lygia Fagundes Telles, e as posições discursivas que surgem nele. Para tal, fazemos uso da pesquisa bibliográfica, a partir da revisão literária, e do modelo de sequência didática proposto por Cosson (2011). A partir da análise do conto, à luz da teoria utilizada, os resultados apontam que, apesar de estarmos no século XXI, numa sociedade totalmente oposta à sociedade patriarcal, resquícios do patriarcado ainda são bastante notórios nas relações entre homens e mulheres, como se pode depreender das cenas diárias que acontecem nas relações, como as demonstradas nas figuras da sequência didática. Como conclusões, o estudo sinaliza que, apesar das leis estarem a favor das mulheres, elas ainda precisam lutar muito para usufruir totalmente de seus direitos sociais.

Palavras-chave: Discurso; Feminismo; Gênero; Machismo.

Abstract

Issues related to gender, in recent times, have been prominent in social discussions and in the strengthening of women's struggle for their rights, especially those that make direct reference to equality between men and women and the non-acceptance of violence. As a result of a society marked by chauvinism arising from a patriarchal culture, violence has been very common in affective relationships, something that must be constantly combated. In the meantime, the objective of this work is to analyze the issues of gender and chauvinism present in the short story *The right to not love*, by Lygia Fagundes Telles, and the discursive positions that emerge in it. For this, we make use of bibliographic research, from the literary review, and the didactic sequence model proposed by Cosson (2011). From the analysis of the short story, in the light of the theory used, the results indicate that, although we are in the 21st century, in a society totally opposite to the patriarchal society, remnants of patriarchy are still quite evident in the relations between men and women, as can be seen infer from the daily scenes that take place in relationships, as shown in the figures in the didactic sequence. As a conclusion, the study indicates that, although the laws are in favor of women, they still need to fight hard to fully enjoy their social rights.

Keywords: Speech; Feminism; Gender; Chauvinism.

Resumen

Los temas relacionados con el género, en los últimos tiempos, han sido prominentes en las discusiones sociales y en el fortalecimiento de la lucha de las mujeres por sus derechos, especialmente aquellos que hacen referencia directa a la igualdad entre hombres y mujeres y la no aceptación de la violencia. Como resultado de una sociedad marcada por el machismo surgido de una cultura patriarcal, la violencia ha sido muy común en las relaciones afectivas, algo que debe combatirse constantemente. Mientras tanto, el objetivo de este trabajo es analizar las cuestiones de género y machismo presentes en el cuento *El derecho a no amar*, de Lygia Fagundes Telles, y las posiciones discursivas que emergen en él. Para ello, utilizamos la investigación bibliográfica, a partir de la revisión literaria, y el modelo didáctico de secuencia propuesto por Cosson (2011). Del análisis del cuento, a la luz de la teoría empleada, los resultados indican que, si bien estamos en el siglo XXI, en una sociedad totalmente opuesta a la patriarcal, los vestigios del patriarcado siguen siendo bastante evidentes en las relaciones entre hombres y mujeres, como se desprende de las escenas cotidianas que se desarrollan en las relaciones, como se muestra en las figuras de la secuencia didáctica. Como conclusiones, el estudio señala que, a pesar de que las leyes están a favor de las mujeres, aún deben luchar duro para disfrutar plenamente de sus derechos sociales.

Palabras clave: Discurso; Feminismo; Género; Chauvinismo.

1. Introdução

Na conjuntura atual, tem-se notado cada vez mais frequente uma atenção especial atribuída às questões de gênero. Porém, essa atenção não ocorre por acaso, mas devido à luta dos movimentos feministas que, ao longo dos tempos, vêm reivindicando a igualdade de direitos entre homens e mulheres em todos os setores da sociedade, por entender que, independente do gênero, homens e mulheres não devem ter direitos assimétricos, pois, como está previsto na nossa Carta Magna – a Constituição Federal, artigo 5º, “homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações” (Brasil, 1988, p. 13).

Nossa sociedade, infelizmente, ainda carrega marcas de um regime patriarcal, no qual a mulher não tem voz nem vez, tendo que se render às vontades masculinas sem nenhuma espécie de contestação. Nesse modo de pensar arcaico, o poder está nas mãos dos homens, cabendo às mulheres a subserviência e a anulação dos seus desejos e aspirações. Discursos oriundos das formações discursivas machistas revelam como a sociedade sempre foi e como continua a ser organizada, ou seja, como as relações de poder do homem sobre a mulher são construídas historicamente. O exercício do poder de um sexo sobre o outro apresenta-se como parte da ordenação natural das relações entre os seres humanos, no qual “o mais fraco” pode ser dominado com ou sem seu consentimento (Almeida, 2011).

Nesse viés, “o discurso carrega sempre algumas significações específicas na estrutura social, visto que o sujeito está imerso nessa estrutura, produzindo e reproduzindo não só as relações sociais, mas também as relações de poder e a dinâmica de um grupo sobre o outro” (Guimarães, 2013, p. 97). Neste caso, essa dinâmica incide no domínio do homem sobre a mulher, numa relação desigual de poder, como nos revela (Bourdieu, 2012).

Frente ao cenário apresentado, subentende-se que a construção da imagem do homem e da mulher não é elaborada por acaso, estão, como qualquer formação discursiva, carregadas de ideologia que, no entendimento de Fiorin (2002, p. 28), “[...] servem para justificar e explicar a ordem social, as condições de vida do homem e as relações que ele mantém com os outros homens”. Para o autor, denota-se a ideia de que na sociedade, sempre foi comum uma relação de dominador e dominado, que constitui a relação do homem para com a mulher, embora a mulher nunca tenha concordado com isso, fato este que se evidencia pelas fortes e frequentes lutas na tentativa de romper o modelo tradicional da condição feminina, desconstruindo a ideia reducionista de mulher frágil e do lar e também de segundo sexo (Beauvoir, 1967).

Assim como a sociedade evolui, as pessoas também evoluem, inclusive passando a questionar as ideologias, principalmente aquelas que colocam a mulher na condição de inferioridade e o homem na condição de “o todo poderoso”, podendo tratar a mulher do jeito que quiser, inclusive, fazendo uso da violência física para reprimi-la. Essa violência é muito comum no dia a dia e, “[...] é produzida socialmente, e tem relação direta com o processo histórico e econômico de formação da sociedade e do Estado” (Oliveira; Fonseca, 2019, p. 02).

Os casos de violência de gênero são bastante recorrentes em nossa sociedade. Um número significativo de mulheres tem sido vítimas de homens propagadores de uma educação machista, que sentem-se no direito de desvalorizar a mulher, de proferir a palavra final numa relação efetiva, sentindo-se proprietários da mulher, como se ela fosse um objeto sem nenhum valor. Esse comportamento masculino possui raízes históricas produtoras de desigualdades dos mais diferentes tipos, colocando homens e mulheres em condições desiguais na esfera social. A mulher passa a ser vista a partir de estereótipos: sexo frágil, mulher do lar, submissa, entre outros (Beauvoir, 1970). Em sociedades ocidentais como a nossa, “esses estereótipos são construídos de modo binário e considerados complementares, embora assimétricos quanto ao poder e à autonomia, o que transforma a diferença em desigualdade” (Martins, 2017, p. 14), o que leva, em diferentes situações, à violência.

Embora enfrente dificuldades para se libertar das amarras de uma sociedade machista, pouco a pouco a mulher vem conseguindo alcançar seu espaço na sociedade e fazer valer seus direitos de cidadã: direito de ir e vir, de trabalhar na profissão que quiser, de escolher seus próprios relacionamentos, de opinar nas decisões que direta ou indiretamente lhe atingem. “Com muita resistência, persistência e luta, através do feminismo as mulheres conquistaram o mínimo de liberdade [...] saindo para as ruas e para o mundo, ingressando no mercado de trabalho, conhecendo sua sexualidade e muitos outros prazeres [...]” (Gregori, 2017, p. 64-65)

Faz-se mister destacar que, com a implementação da Lei Maria da Penha (11.340/2006), a mulher agarra-se a esta para tomar decisões em relação aos seus relacionamentos e, apesar dos problemas ainda persistirem nesse âmbito, alarga-se a coragem de denunciar e de se sentir livre para novos relacionamentos. Soma-se a isso a luta feminista por direitos iguais na sociedade, e porque não dizer a luta feminina pela igualdade entre os gêneros, pois ainda há muita resistência na sociedade em reconhecer a igualdade de direitos entre homens e mulheres. “Este processo de resistência se fortaleceu com várias estratégias de luta, dentre elas, a nomeação da expressão “violência contra a mulher”, seguida pela demanda por políticas públicas a fim de coibi-la” (Bandeira, 2009, p. 402). Conforme Santana *et al.* (2020, p. 09) “a violência doméstica atinge todos os níveis sociais e independe do nível de escolaridade”, razão pela qual a sociedade deve ficar de olhos bem abertos.

Nesse contexto, considerando que a linguagem se caracteriza como dialógica, como aponta Bakhtin (2011), é comum percebermos que os textos que circulam socialmente, estabelecem relações entre si, relações essas que podem ocorrer no plano da intertextualidade, quando fazem referências diretas a outros textos no intuito de ampliar ou confirmar seu sentido e, no plano da interdiscursividade, quando se nota a relação entre os discursos dentro do texto, ou seja, os atravessamentos de discursos diversos, geralmente de autoria desconhecida, e portanto de outros, que acabam se relacionando para significar e ampliar as possibilidades linguísticas e comunicativas do homem.

Tais atravessamentos discursivos e as relações de poder do homem sobre a mulher na sociedade podem ser facilmente percebidas no conto *O direito de não amar*, de Lygia Fagundes Telles. Pode-se notar ainda, traços do patriarcado, a vingança como algo comum numa relação, onde uma das partes renuncia e a crença na falência da instituição casamento, revelando marcas explícitas de um comportamento típico de uma sociedade machista, em que prevalece a dominação masculina, historicamente presente nas relações sociais, como sinalizam Bourdieu (2012) e Guimarães (2013).

Desta forma, compreende-se que, quando o homem apresenta um comportamento machista diante de uma mulher, ele não faz por si mesmo, mas por uma coletividade de homens que cresceu com a crença de que, na sociedade, homens e mulheres têm posições diferentes, sendo os homens superiores e as mulheres inferiores, podendo eles fazerem tudo e elas, nada. Nesse caso:

Se a relação sexual se mostra como uma relação social de dominação, é porque ela está construída através do princípio de divisão fundamental entre o masculino, ativo, e o feminino, passivo, e porque este princípio cria, organiza, expressa e dirige o desejo - o desejo masculino como desejo de posse, como dominação erotizada, e o desejo feminino como desejo da dominação masculina, como subordinação erotizada, ou mesmo, em última instância, como reconhecimento erotizado da dominação (Bourdieu, 2012, p. 31).

Todavia, percebe-se na conjuntura social, mudanças, ainda que lentas, no que diz respeito à noção de ativo e passivo nos relacionamentos, movidas pela luta por direitos iguais, iniciada com o movimento feminista. É possível nos depararmos com situações onde as mulheres tomam posição em seu relacionamento, opõem-se a determinadas práticas e decidem pelo fim do mesmo. Trata-se de um comportamento ainda tímido, porque persiste o medo da opressão e da vingança masculina. Contudo, a Lei Maria da Penha possui caráter encorajador para as mulheres e inibidor para muitos homens, em relação a crimes contra suas parceiras.

No tocante à mudança e ao comportamento feminino na atualidade, é importante destacar que:

A maior mudança está, sem dúvida, no fato de que a dominação masculina não se impõe mais com a evidência de algo que é indiscutível. Em razão, sobretudo, do enorme trabalho crítico do movimento feminista que, pelo menos em determinadas áreas do espaço social, conseguiu romper o círculo do reforço generalizado, esta evidência passou a ser vista, em muitas ocasiões, como algo que é preciso defender ou justificar, ou algo de que é preciso se defender ou se justificar (Bourdieu, 2012, p. 106).

A partir do exposto por Bourdieu (2012), nota-se, no contexto atual, uma luta entre homens e mulheres em relação ao poder sobre si mesmos e sobre os outros. De um lado, os homens tentam manter o domínio sobre as mulheres, manter o controle de tudo, o poder das decisões, as melhores oportunidades no mercado de trabalho. Do outro, as mulheres, que não aceitam mais ser dominadas, que clamam por igualdade de condições em todos os aspectos, que desejam o direito de escolha sobre com quem e quanto tempo se relacionará. São as mulheres ativas, ativas e empoderadas, que lutam diariamente na tentativa de “[...] decidir sobre sua própria vida nos espaços públicos e privados, bem como exercer poder nos espaços em que são tomadas decisões acerca das políticas públicas e de outros acontecimentos relativos aos rumos da sociedade e que interferem direta ou indiretamente sobre os seus interesses” (Mageste; Melo; Ckagnozaroff, 2008, p. 02).

Nesse sentido, pretendemos com esse trabalho, analisar as questões de gênero e de machismo presentes no conto *O direito de não amar*, de Lygia Fagundes Telles, e as posições discursivas que surgem nele. Essa análise servirá de base para uma proposta de sequência didática que sugere o trabalho com o conto como texto principal. Para isso, optamos pelo desenvolvimento de uma sequência didática nos moldes de Cosson (2011), para que o processo de leitura e de discussão da temática gênero e machismo seja feito de forma mais atrativa, fugindo assim das leituras tradicionais que acabam desmotivando os alunos.

2. Metodologia

Adotamos nesse trabalho a pesquisa bibliográfica a partir da revisão da literatura. Esse tipo de pesquisa é importante porque é elaborada a partir de material publicado, a exemplo de livros, jornais, revistas, artigos científicos, teses, dissertações, entre outros (Gil, 2010). Ou seja, uma vasta fonte de material escrito à disposição do pesquisador e de suas necessidades relativas à compreensão do fenômeno investigado. Além disso, “o pesquisador trabalha a partir de contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos” (Severino, 2007, p.122).

No tocante à abordagem, optamos pela pesquisa qualitativa, uma vez que primamos pela subjetividade das análises. Conforme Silva e Menezes (2005, p.20), a pesquisa qualitativa “considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números”. Além disso, essa abordagem

É utilizada para investigar problemas que os procedimentos estatísticos não podem alcançar ou representar, em virtude de sua complexidade. Entre esses problemas, poderemos destacar aspectos psicológicos, opiniões, comportamentos,

atitudes de indivíduos ou de grupos. Por meio da abordagem qualitativa, o pesquisador tenta descrever a complexidade de uma determinada hipótese, analisar a interação entre as variáveis e ainda interpretar os dados, fatos e teorias (Rodrigues; Limena, 2006, p. 90).

Também adotamos o modelo de sequência didática proposto por Cosson (2011). Nesse modelo, composto por motivação, introdução, leitura e interpretação, o autor sugere práticas de leituras contextualizadas, capazes de despertar o interesse dos alunos não apenas pela leitura propriamente dita, mas também pela aprendizagem das temáticas que estão envolvidas nesta proposta de ensino de leitura.

O *corpus* de estudo objeto de análise nesta pesquisa é o conto *O direito de não amar*¹, de Lygia Fagundes Telles, que pode ser acessado a partir do link em rodapé.

3. Resultados e Discussão

O conto *O direito de não amar*, da autora Lygia Fagundes Telles, aborda um assunto bastante sério, que está no foco das discussões atuais – a violência de gênero, por conta do machismo que ainda está impregnado nas relações sociais. O texto, está estruturado em trechos narrativos e trechos que apresentam reflexões filosóficas da narradora personagem, numa posição intimista.

As personagens que compõem o texto são quatro: a narradora, seu colega de academia, a ex-namorada desse colega e o primo da sua ex-namorada, que não apresenta nenhuma fala no decorrer do conto. As vozes dessas personagens representam as relações dialógicas interdiscursivas presentes nas esferas sociais, como será possível notar no desenrolar da análise. Por um lado, notamos a voz da narradora personagem, que representa o discurso em defesa da emancipação da mulher, por outro, a voz do homem, que almeja a sua submissão.

A narradora personagem inicia o texto fazendo uma reflexão a partir do pensamento de Oscar Wilde para fundamentar a sua tese – “o egoísmo é o traço mais poderoso de qualquer sexo”:

Se o homem destrói aquilo que mais ama, como afirma Oscar Wilde, a vontade de destruição se aguça demais quando aquilo está amando um outro. O egoísmo, sem dúvida o traço mais poderoso de qualquer sexo, transborda então intenso e borbulhante como água em pia entupida, artérias e canos congestionados na explosão aguda: “Nem comigo nem com ninguém!” Deste raciocínio para o tiro veneno ou faca, vai um fio (Telles, 1980, p.118).

Nota-se, a partir do trecho destacado que, mesmo tratando esse egoísmo como características presentes em homens e mulheres, ela aborda uma voz própria do universo machista: “nem comigo nem com ninguém”, muito comum em uma sociedade em que o homem não aceita o fim do relacionamento amoroso. Assim, ficam nítidos os reflexos de uma cultura patriarcal machista, na qual o corpo da mulher é propriedade do homem, não tendo ela própria o direito de controlar e explorar seu próprio corpo nem de escolher a duração de seus relacionamentos.

No final do período, a narradora alerta “Deste raciocínio para o tiro veneno ou faca, vai um fio”, fazendo-nos pensar a possibilidade do feminicídio, algo muito em alta na sociedade. Neste início, já é possível perceber que a voz da narradora personagem defende que a mulher tem o direito de escolher entre continuar ou não um relacionamento, ganhando destaque, nesse caso, a liberdade conquistada pelas mulheres a partir da luta dos movimentos feministas, e a igualdade de gênero, algo pelo qual as mulheres ainda têm que lutar diariamente.

¹ Disponível em: <https://armazemdetexto.blogspot.com/2018/02/texto-o-direito-de-amar-lygia-fagundes.html>. Acesso em 20 de abril de 2021.

A narradora apresenta possíveis caminhos tomados pelos homens ao encarar o fim do relacionamento quando a iniciativa é tomada pela mulher. Metaforicamente, ela utiliza a palavra portas para fazer referência a essas atitudes. É interessante que a autora não cita a primeira porta, já inicia na segunda, porém, apresenta o feminicídio como essa primeira porta. Os motivos para isso? O número muito alto de assassinatos de mulheres vítimas de companheiros que não aceitam o fim do relacionamento.

A narradora apresenta uma personagem feminina corajosa, quando encara o namorado e declara: “estou apaixonada por outro, quer ter a bondade de desaparecer da minha frente?” Há uma consonância entre a voz dessa personagem com a voz da narradora, dialogando com o grupo social que tenta se desvencilhar dos relacionamentos falidos e muitas vezes são impelidas violentamente. Ele tenta convencê-la com presentes, poesias e ameaças. Ela, corajosamente, o denuncia a um tio que era delegado na sessão de homicídios e recomeça sua vida.

Ao se comportar dessa maneira, fica nítido que ela só o faz porque houve, em momentos anteriores, outras mulheres que lutaram para que outras posteriores tivessem esse direito, a exemplo das mulheres representantes dos grupos feministas. Ao denunciar as ameaças do ex parceiro ao tio delegado, nota-se uma relação interdiscursiva com a Lei Maria da Penha, que incentiva as mulheres vítimas de violência doméstica a denunciarem os agressores, reflexo da luta feminista por igualdade de direitos.

A primeira atitude pensada pelo colega da narradora foi seguir por essa primeira porta: “ela não tem o direito de me fazer isso!”. Nesta interlocução com seu colega, fica perceptível uma atitude de possessividade, pois ele não aceita que a mulher tenha o direito de romper o relacionamento, algo típico de uma sociedade patriarcal machista. Para que não haja dúvidas em relação a essa atitude, complementa a ideia: “Vou lá, dou-lhe um tiro no peito e me mato em seguida!”, sinalizando assim o diálogo com as vozes sociais representantes de uma sociedade sexista, em que a mulher não têm direito sobre sua própria vida. Por sorte, tudo isso não passa de planos feitos no calor das emoções.

Dessa forma, o seu colega optou pela segunda porta, que seria deixar o objeto amado viver. Mas, viver intensamente e ser feliz? Não. Ser infeliz, justificando assim, a ideia do sentimento egoísta. Essa segunda porta ou opção escolhida pelo homem representa a ideologia patriarcal de querer ver a mulher desempenhando funções domésticas, submetida a quatro paredes do lar e sufocada pelas tarefas cotidianas, impedindo-a de aspirar condições de igualdade. Apresenta-se assim, a voz dissonante ao pensamento feminista defendida pela narradora.

Vou ficar quieto, que se case com esse tipo, ótimo que se casem depressa porque é nesse casamento que está minha vingança. No casamento e no tempo. Se nenhum casamento dá certo, por que o deles vai dar? Vai ser infeliz à beça!” Pobre, com um filho debiloide, já andei investigando tudo, ele tem retardados na família, ih! O quando ela vai se arrepender, por que não me casei com outro? Vai ficar gorda, tem propensão para engordar e eu estarei jovem e lépido porque sou esportista e rico, vou me conservar, mas ela, velha, obesa, ô delícia (Telles, 1980, p.119).

Nessa voz fica perceptível não só o diálogo machista oriundo de uma sociedade patriarcal, como também a presença de outras vozes sociais que representam o preconceito de classe, ao visualizar sua ex-namorada pobre e infeliz. Além disso, expressa seu preconceito contra as pessoas que possuem algum tipo de deficiência, a partir da utilização de termos depreciativos como “debiloide” e “retardado”. Dialoga também com outras vozes sociais quando apresenta o seu pensamento sobre casamento como uma instituição falida, outrossim, deixa escapar o seu conceito de padrão de beleza, contrapondo a sua imagem (lépido/rico/esportista) à imagem da sua ex-namorada (pobre/velha/obesa).

A narradora apresenta uma terceira saída para essa situação, que seria na verdade a solução justa para ambos. Aceitar o fim do relacionamento com maturidade, sem ressentimento:

Há ainda uma terceira porta, saída de emergência para os desiludidos do amor, não, nada de matar o objeto da paixão ou esperar com o pensamento negro de ódio que ela vire uma megera jogando moscas na sopa do marido hemiplégico,

mas renunciar. Simplesmente renunciar com o coração limpo de mágoa ou rancor, tão limpo que em meio do maior abandono (difícil, hem!) ainda tenha forças para se voltar na direção da amada como um girassol na despedida do crepúsculo. E desejar ao menos que ela seja feliz (Telles, 1980, p.119).

Esse trecho do conto se assemelha ao introdutório, numa perspectiva intimista a voz da narradora representa valores sociais mais amplos. Além disso, pode ser considerado como o diálogo interior, pois ocorre na consciência da narradora, diálogo este que é alimentado por seu contato com as vozes externas.

A interlocução se constrói pela presença e luta entre duas vozes nesse mesmo texto. Face a face se constrói o discurso feminista por meio da voz da narradora, e o discurso machista representado pela voz do seu colega. São diálogos que se opõem por expressar valores contrários, e assim, se relacionam com o texto maior, que são os discursos presentes nas esferas sociais.

3.1 A sequência didática

A presente sequência didática é destinada a alunos de 8º ano, e tem como foco, abordar a temática relativa às questões de gênero, trazendo o conto como principal gênero literário, todavia, utilizando outros gêneros textuais como suporte, a exemplo do gênero piada. Tal sequência segue o modelo proposto por Cosson (2011): motivação, introdução, leitura e interpretação.

Objetivo geral

- ✓ Ampliar a capacidade de análise crítica dos alunos a partir da discussão da temática em foco.

Objetivos específicos

- Compreender o que são discursos, seu papel na sociedade e as ideologias neles presentes;
- proporcionar o conhecimento e a troca de ideias sobre as temáticas abordadas no conto e nos demais textos;
- favorecer a compreensão dos alunos acerca da igualdade de gêneros na sociedade.

Desenvolvimento da sequência

1ª Etapa: Motivação (1ª e 2ª Aulas - 50 min. cada): Apresentação de imagens e piadas

O professor fará a exposição de algumas figuras na lousa digital ou em outro recurso disponível e, através de roda de conversa, iniciará a discussão sobre o tema, deixando que os alunos exponham suas opiniões de forma espontânea. O propósito é investigar se eles percebem ou não o tema principal presente nas figuras apresentadas. Em seguida, inicia-se uma discussão, com a introdução dos conceitos de machismo, feminismo, violência, vingança e outros que se relacionam, a exemplo do feminicídio. Na sequência, o professor contará algumas piadas sobre o tema, mas, no primeiro momento, os alunos não comentarão sobre elas. Espera-se que, por decisão própria, eles levantem questionamentos ou comentem sobre a temática. Em outro momento, apresenta-se as figuras abaixo, seguidas de alguns questionamentos.

A Figura 1 simboliza uma mulher com o “corpo partido”, resquícios das relações problemáticas com seus parceiros, principalmente marcadas pela violência, seja física, psicológica ou simbólica, ou seja, que não causa dano físico mas machuca a mulher em seu íntimo (Bourdieu, 2012).

Figura 1: Mulher com o corpo partido.



Fonte: <http://camilajornada2.blogspot.com/2015/06/eu-acho-que.html>.

Na Figura 1, podemos observar uma mulher triste, provavelmente por conta de problemas no relacionamento com seu parceiro. A ideia de corpo partido, destacada pela cor vermelho, aponta para o sofrimento pelo qual milhares de mulheres passam diariamente em suas relações íntimas. Assim, a ideia é que os alunos consigam interpretar e compreender a imagem e reflitam sobre como agem homens e mulheres em suas relações. Mais do que isso, avaliem como se dá a relação em seus próprios lares.

- Que elementos aparecem na figura 1?
- O que eles representam para você?
- Por que o corpo da mulher está partido?
- Que tipo de atitudes representam o amor?
- Quem ama de verdade é capaz de matar?

A Figura 2 apresenta o machismo típico da cultura patriarcal, na qual a mulher tem a obrigação de servir o marido, ficando sempre em último plano, como se não tivesse nenhum tipo de importância nem direito no relacionamento.

Figura 2: Desigualdade e Machismo no Lar.



Fonte: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/desigualdade-de-genero.htm>.

Na Figura 2, fica explícita a submissão da mulher em relação ao homem, demonstrada pela servidão ao marido e pela expressão triste e cabisbaixa, como se estivesse executando uma ordem de um patrão. Através da imagem, dá a impressão que a mulher é empregada do homem e não esposa, pois, sendo esposa, deveriam estar os dois sentados, com expressões alegres nos rostos. No entanto, a imagem demonstra um homem rude, olhando para a comida como se quisesse reclamar, típico dos machistas, que acham que a mulher tem que fazer sempre algo impecável.

- O que as pessoas estão fazendo na figura 2?
- Por que o homem parece tão frio com a mulher?
- O que isso indica?
- Os homens podem tratar as mulheres com indiferença, como inferiores?
- Você acredita que há respeito nesta imagem?
- Você consegue estabelecer uma relação entre a figura e a vida real?
- O que a fisionomia dessa mulher representa?

A Figura 3 demonstra a balança dos gêneros, chamando a atenção para a igualdade de direitos entre homens e mulheres.

Figura 3: Balança dos gêneros.



Fonte: <https://www.pngwing.com/pt/free-png-imgfv>

A partir da Figura 3, percebe-se a necessidade de compreensão da sociedade de que homens e mulheres são seres de direitos, tendo uma constituição que lhes garante direitos iguais, independentemente de quaisquer diferenças. Nessa perspectiva, a figura 3 sugere que os direitos femininos sejam garantidos diariamente, caso contrário, o princípio constitucional estará sendo ferido.

- O que a Figura 3 representa para você?
- Porque os elementos possuem o mesmo peso?
- Você concorda com essa medida representada na balança?
- Acha que algum dos elementos deveria pesar mais?

A Figura 4 chama a atenção para diferentes tipos de violências que não apenas a física, pois rotineiramente as mulheres são vítimas também dessa violência – a verbal, que fere tanto ou mais do que a física.

Figura 4: Palavras que machucam.



Fonte: <http://grupovioles.blogspot.com/2014/08/violencia-moral-antecede-casos-de.html>.

A violência verbal, demonstrada na Figura 4, é algo muito comum nos relacionamentos, machucando a mulher às vezes muito mais do que a própria violência física. Certas palavras não se dizem em um relacionamento, em uma discussão, pois pelo peso, marcarão a pessoa por muito tempo, a ponto de muitas pessoas carregarem mágoas por toda a vida.

- Há violência na figura 4?
- Como as palavras podem atingir alguém?
- Que tipo de palavras soariam como uma violência física?
- Você concorda que as palavras podem machucar tanto quanto uma violência física?

Nesta etapa o professor deverá estar atento para os comentários dos alunos, verificando se estabelecem relação entre as figuras e os temas, ou seja, se realizam uma leitura dos aspectos implícitos, se realizam julgamentos adequados, se conseguem ultrapassar o plano das imagens. Diante das respostas, o docente tentará desmistificar algumas falsas ideias que possam surgir, explicando aos alunos sobre a igualdade de gêneros, o respeito, a questão da violência, o machismo e outros aspectos que julgar pertinente.

3ª Aula (50 min): Introduzindo conceitos

Na terceira aula, o professor explicará aos alunos o que são discursos, a existência deles na sociedade e como eles podem interferir diretamente na vida dos indivíduos. Essa etapa será executada por meio de aula expositiva dialogada, mostrando exemplos através de imagens, especialmente dos tipos de discursos que mais se aproximam do tema ou dos discursos mais próximos da realidade deles, tais como o religioso, o machista, o feminista, o homofóbico, o racista, entre outros.

4ª Aula (50 min): Apresentação de vídeo e música com levantamento de questões

A aula inicia-se com a exposição da música *Propaganda*² de Jorge e Matheus. O professor distribuirá cópias para que os alunos possam acompanhar na íntegra e cantá-la durante a exposição. Os alunos tecerão comentários sobre a canção de forma livre, a fim de se perceber se conseguem estabelecer relação entre a canção e os temas abordados. Na sequência, serão estimulados a realizar interpretações do discurso machista presente na canção, a partir de questionamentos orais realizados pelo docente, logo após, apresenta-se os vídeos *Não aceitamos machismo*³ e *Violência nos relacionamentos*⁴, e discute-se alguns conceitos abordados no texto.

2ª Etapa: Introdução - 5ª Aula (50 min): Apresentação do autor e suas obras

O professor inicia indagando a turma sobre o que caracteriza um conto, se conhecem mais de um tipo de conto. Em seguida, apresenta uma definição breve do gênero conto de caráter intimista. Na sequência, solicita que a classe comente se já leu ou escreveu um conto dessa natureza, sobre qual tema, se lembra de algum trecho do conto ou temática abordada, se conhecem alguns autores e seus contos, etc. Em seguida, o professor apresenta a autora Lygia Fagundes Telles e suas principais obras, atentando-se para as informações mais importantes sobre vida e obra, sobretudo, para sua visão sobre a mulher e as temáticas mais emergentes.

3ª Etapa: Leitura - 6ª Aula (50 min): leitura do texto

É o momento no qual ocorre a disponibilização dos textos para os alunos, com a apresentação e leitura do conto *O direito de não amar*, de Lygia Fagundes Telles.

Antes da leitura do texto, levantam-se hipóteses sobre o que os alunos esperam de acordo com o título do texto para então solicitar a leitura silenciosa e individual. Na sequência, realiza-se a leitura em voz alta, feita por um ou mais de 1 aluno.

4ª Etapa: Interpretação - 7ª e 8ª Aula (50 min cada)

Neste momento, inicia-se a interpretação do texto, observando-se a intertextualidade entre os diferentes gêneros apresentados, como os vídeos, a música, as figuras e o próprio conto, a partir dos seguintes questionamentos:

- Após a leitura do conto, as expectativas que você criou na leitura do título se confirmaram ou se distanciaram?
- Há alguma relação entre o conto e tudo que foi trabalhado nas aulas anteriores?
- Quais as temáticas levantadas no texto?
- Quais as principais características dos personagens?
- Para quem a narradora dirige sua voz?
- Como você se sentiria se estivesse no lugar da mulher? E do homem?
- O que a autora quis dizer com o termo “portas”?
- Em sua opinião, qual porta seria a mais adequada para seguir?

Ao término das 8 aulas, espera-se que os alunos consigam ampliar a capacidade de análise crítica, à medida que percebam a existência de diferentes discursos nas vozes dos personagens e que o discurso é resultado da interação dos sujeitos, do contexto, e intenções de cada indivíduo, estando sempre carregados de ideologias, ainda que inconsciente.

² Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/jorge-e-mateus/propaganda.html>. Acesso em 25 de abril de 2021.

³ Disponível em: https://youtu.be/-HcXL-fmE_M.

⁴ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Ugc5S1sJ_sY

4. Considerações Finais

Discutir questões relativas à igualdade de direitos entre homens e mulheres na sociedade não é algo fácil. Os resquícios de uma cultura patriarcal e machista acabam, de diferentes formas, impedindo ou dificultando que essa igualdade aconteça na prática. Homens ainda acham que as mulheres devem se ocupar da casa e dos filhos, não devem trabalhar nem ter os mesmos direitos sociais. Ainda há outro agravante – a violência, que aumenta a cada dia, apesar de a Lei Maria da Penha contribuir significativamente para o enfrentamento da problemática.

Na literatura, as questões relativas a gênero, machismo e violência são bastante evidenciadas na escrita de diversos autores, a exemplo de Lygia Fagundes Telles, como em seu conto *O direito de não amar*, corpus de nossa análise. Assim, ao voltarmos o foco para o objetivo desse trabalho - analisar as questões de gênero e de machismo presentes no conto *O direito de não amar*, de Lygia Fagundes Telles, e as posições discursivas que surgem nele, notamos que a análise realizada é de grande importância porque descortina, a partir de uma visão peculiar, as linhas e entrelinhas do texto e as “denúncias” realizadas pela autora a partir de uma história aparentemente comum. Em outras épocas, não existia Lei Maria da Penha, logo, as mulheres não tinham coragem de denunciar seus maridos agressores. Mas existiam as escritoras que, a partir de seus textos inteligentes, conseguiam abrir os olhos de muitas mulheres, fazendo-as perceber que certas coisas que aconteciam não eram corretas.

A partir da criação de uma sequência didática nos moldes de Cosson, esse trabalho pretende ser um norte para professores de Língua Portuguesa de 8º ano abordarem a problemática em questão com seus alunos, de modo que eles compreendam que, numa sociedade como a nossa, homens e mulheres têm os mesmos direitos. Aprendendo isso desde cedo na escola, é bem provável que os meninos de hoje sejam, mais adiante, homens respeitosos com suas mulheres, compreendendo que a igualdade de gêneros não é um favor a ser feito às mulheres, mas a correção de um erro histórico, que negou às mulheres os mesmos direitos que os homens sempre tiveram.

Como sugestão para trabalhos futuros, indicamos um aprofundamento da temática incluindo os alunos, coletando suas opiniões através de entrevistas, aplicação de questionários ou observação do seu comportamento em relação às mulheres, a fim de se perceber até que ponto eles têm atitudes machistas advindas do seu contexto social.

Agradecimentos

Ao do Grupo de Estudos e Pesquisas em Formação de Professores e Tecnologias da Informação e Comunicação/FOPTIC/UFS, e ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Paidéia/FANEb pelas contribuições para a melhoria da nossa produção acadêmica.

Referências

- Almeida, Jane Soares de. (2011). As relações de poder nas desigualdades de gênero na educação e na sociedade. *Série-Estudos - Periódico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB*, (31), 165-181.
- Bakhtin, Mikhail. (2011). *Estética da Criação Verbal*. Martins Fontes.
- Bandeira, Lourdes. (2009). Três décadas de resistência feminista contra o sexismo e a violência feminina no Brasil: 1976 a 2006. *Sociedade e Estado*, v. 24, (2), 401-438.
- Beauvoir, Simone de. (1970). *O Segundo Sexo: fatos e mitos*. Tradução de Sérgio Milliet. Difusão Europeia do Livro.
- Beauvoir, Simone de. (1967). *O Segundo Sexo: a experiência vivida*. Tradução de Sérgio Milliet. Difusão Europeia do Livro.
- Bourdieu, Pierre. (2012). *A dominação masculina*. Tradução de Maria Helena Kühner. Bertrand Brasil.
- Brasil. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Centro Gráfico.
- Brasil. (2006). Lei nº. 11.340, de 7 de ago. de 2006. Lei Maria da Penha. Cria Mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm.

- Cosson, Rildo. (2011). *Texto literário: teoria e prática*. Contexto.
- Fiorin, José Luiz. (2002). *Linguagem e Ideologia*. Ática.
- Gil, Antonio Carlos. (2010). *Como elaborar projetos de pesquisa*. Atlas.
- Gregori, Juciane de. (2017). Feminismos e resistência: trajetória histórica da luta política para conquista de direitos. *Caderno Espaço Feminino*, v. 30, (2), 47-68.
- Guimarães, Elisa. (2013). *Texto, discurso e ensino*. Contexto.
- Mageste, G. S., Melo, M. C. L. & Ckagnazaroff, I. B. (2008). Empoderamento de mulheres: uma proposta de análise para as organizações. V *Encontro de Estudos Organizacionais da ANPAD*. <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/EnEO548.pdf>.
- Martins, Ana Paula Antunes. (2017). Violência no namoro e nas relações íntimas entre jovens: considerações preliminares sobre o problema no Brasil. *Gênero*, v. 17 (2), 9-28.
- Oliveira, Rebeca Nunes Guedes de & Fonseca, Rosa Maria Godoy Serpa da. (2019). Amor e violência em jogo: descortinando as relações afetivo-sexuais entre jovens à luz de gênero. *Interface*, 23 (e180354), 1-16.
- Rodrigues, Maria Lucia & Limena, Maria Margarida Cavalcanti (Orgs.). (2006). *Metodologias multidimensionais em Ciências Humanas*. Líber Livros Editora.
- Santana, Rosane da Silva *et al.* (2020). Violência contra as mulheres: caracterização dos casos acompanhados em um centro de referência municipal. *Research, Society and Development*, v. 9 (11), 1-22.
- Severino, Antonio Joaquim. (2007). *Metodologia do Trabalho Científico*. Cortez.
- Silva, E. L. da & Menezes, E. M. (2005). *Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação*. UFSC.
- Telles, L. F. (1980). *A disciplina do amor*. Nova Fronteira.